



O IMPRESSIONISMO, O SIMBOLISMO E O “PRESENTISMO” NOS AUTORRETRATOS DE ELISEU VISCONTI

ANA MARIA TAVARES CAVALCANTI¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro / ana.canti@eba.ufrj.br

RESUMO EXPANDIDO

Minha pesquisa atual tem como foco de estudos o Impressionismo no Brasil ou, mais exatamente, a recepção do Impressionismo e a produção artística identificada como impressionista entre nós. Na historiografia da arte brasileira, Eliseu Visconti é valorizado como nosso primeiro impressionista. Vínculos com outros movimentos, em especial o Simbolismo, também são apontados como importantes em sua produção. Por seu lado, em 1926, quando Angyone Costa lhe perguntou a que escola se filiava, o próprio Visconti preferiu não se alinhar a nenhum movimento específico e respondeu que era “presentista”. Nessa comunicação, parto de um estudo aprofundado dos autorretratos de Visconti para verificar como essas filiações se manifestaram em sua pintura.

Entre os pintores brasileiros, Eliseu Visconti foi um dos que mais se retratou, seja em autorretratos propriamente ditos ou cenas de família. No site oficial de Visconti, consta como seu primeiro autorretrato um desenho feito em 1889 aos 23 anos de idade; sendo o último uma tela pintada em 1943, aos 77 anos de idade. Ao longo das décadas, o número de autorretratos se distribui da seguinte forma: na década de 1890, 4 autorretratos; na década de 1900, 9 autorretratos; na década de 1910, 11; na década de 1920, 6; na década de 1930, 9 e na década de 1940, 5.

Embora haja uma certa variação, nota-se que Visconti nunca deixou de pintar autorretratos ao longo da vida, mesmo nos períodos em que esteve mais ocupado realizando as grandes decorações do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, o que se deu em três momentos - nas décadas de 1900, 1910 e 1930.

Em muitos de seus autorretratos há dedicatórias de Visconti a algum de seus familiares, o que denota o caráter privado dessa produção. Dos mais de 40 autorretratos que pintou ao longo de cinco décadas de carreira, apenas cinco foram expostos pelo próprio Visconti nos salões organizados pela Escola Nacional de Belas Artes. Os demais permaneceram com seus familiares e só foram expostos após seu falecimento, começando por sua primeira retrospectiva em 1949, quando 20 dessas obras puderam ser vistas pelo público. Sendo assim, podemos considerar essas pinturas como expressões muito pessoais da intimidade do artista, destinadas ao âmbito privado. Examiná-las com atenção nos permite pensar na autoimagem de Visconti. O que nos revelam as características desses retratos? O que podemos observar quanto a seus aspectos plásticos? A partir da análise dessas obras, tecemos algumas considerações sobre a imagem de Visconti como um marco divisório na história da arte brasileira, propalada pela crítica da década de 1940. Em que



medida sua pintura corrobora a interpretação dos críticos? Que outras interpretações se abrem ao historiador a partir de um olhar atento aos detalhes desses trabalhos?

Seria tentador construir uma história em que dispuséssemos os retratos de tons mais fechados e terrosos num primeiro momento, com a progressiva mudança e clareamento da paleta no decorrer dos anos. Porém, essa narrativa pode ser facilmente desmontada ao se observar que, embora haja sempre uma grande liberdade em suas pinceladas soltas, Visconti variou constantemente sua paleta de cores, alternando autorretratos ora mais claros, ora mais escuros.

Na verdade, a análise dessas obras embaralha as cartas da historiografia que valorizou Visconti por sua filiação ao impressionismo. De fato, ele não se filiou a nenhuma escola, mas usou procedimentos impressionistas quando lhe interessou, seguindo outros caminhos quando quis. Compreendemos os autorretratos de Visconti como um terreno em que o pintor estava à vontade para fazer experimentações e inquirir-se sobre sua própria vida profissional e afetiva.

Observando com atenção esses seus retratos, nota-se que alguns padrões se repetem e ganham força nas décadas finais de sua trajetória. Diversas vezes, ele se retratou com a cabeça levemente jogada para trás, voltada para o alto, o que nos faz vê-lo elevar-se para outras dimensões que escapam do cotidiano. É essa posição da cabeça que aparece no autorretrato icônico de 1933, *Ilusões Perdidas*, que pode ser interpretado como uma declaração do pintor sobre seu trabalho e sua arte. A obra de Visconti não se explica apenas como uma experimentação formal. Através da combinação de cores e formas, sua ambição artística era expressar sentimentos e emoções.

PALAVRAS-CHAVE:

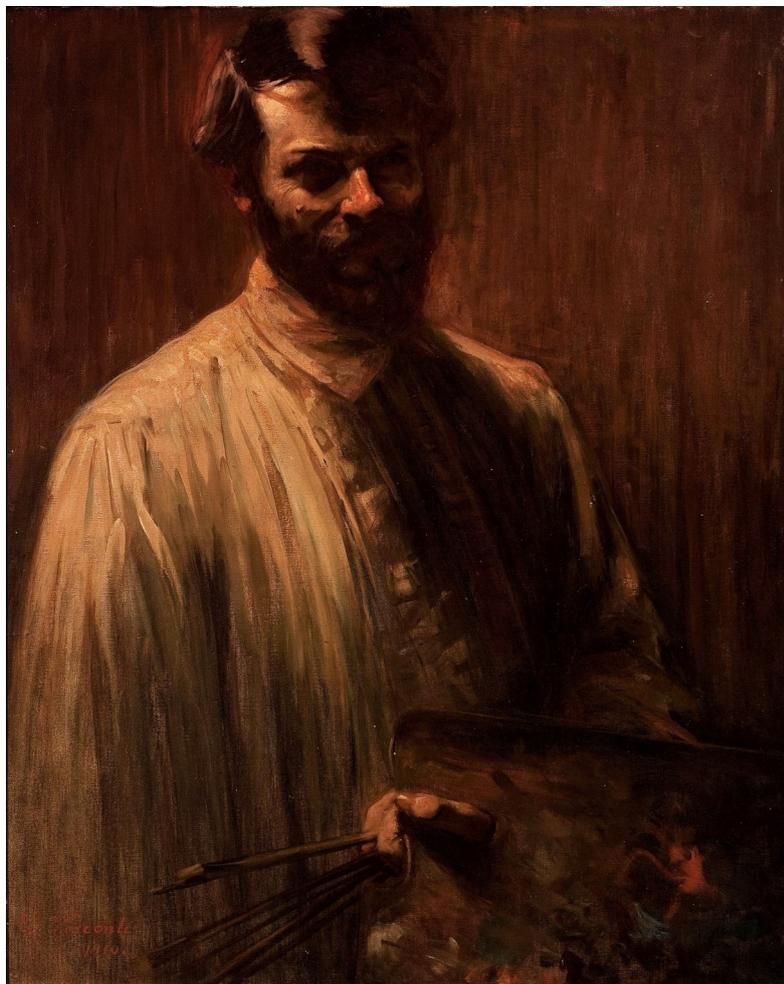
Eliseu Visconti. Autorretrato. Autorrepresentação. Impressionismo. Simbolismo.

PERGUNTAS-CHAVE:

1. Como a análise dos autorretratos de Eliseu Visconti nos auxilia para pensar sua classificação como pintor impressionista?
2. Em que aspectos de seus autorretratos podemos identificar tendência simbolista na obra pictórica de Visconti?
3. Como podemos interpretar a autoclassificação de Visconti como “presentista”, quando analisamos seus autorretratos?



IMAGENS:



ELISEU VISCONTI: *Autorretrato 1910*, 1910.
Óleo sobre tela, 82 X 65 cm.
Rio de Janeiro, MNBA.
Fonte: <https://eliseuvisconti.com.br/obra/p008/>



C B
H A

40º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE
EDIÇÃO 2020 - COMUNICAÇÕES VIRTUAIS

PESQUISAS
EM DIÁLOGO
DE 07 A 11 DEZEMBRO 2020



ELISEU VISCONTI: *Na Alameda*, c. 1931.
Óleo sobre tela, 121 X 104 cm.
Fortaleza, Coleção particular.
Fonte: <https://eliseuvisconti.com.br/obra/p613/>



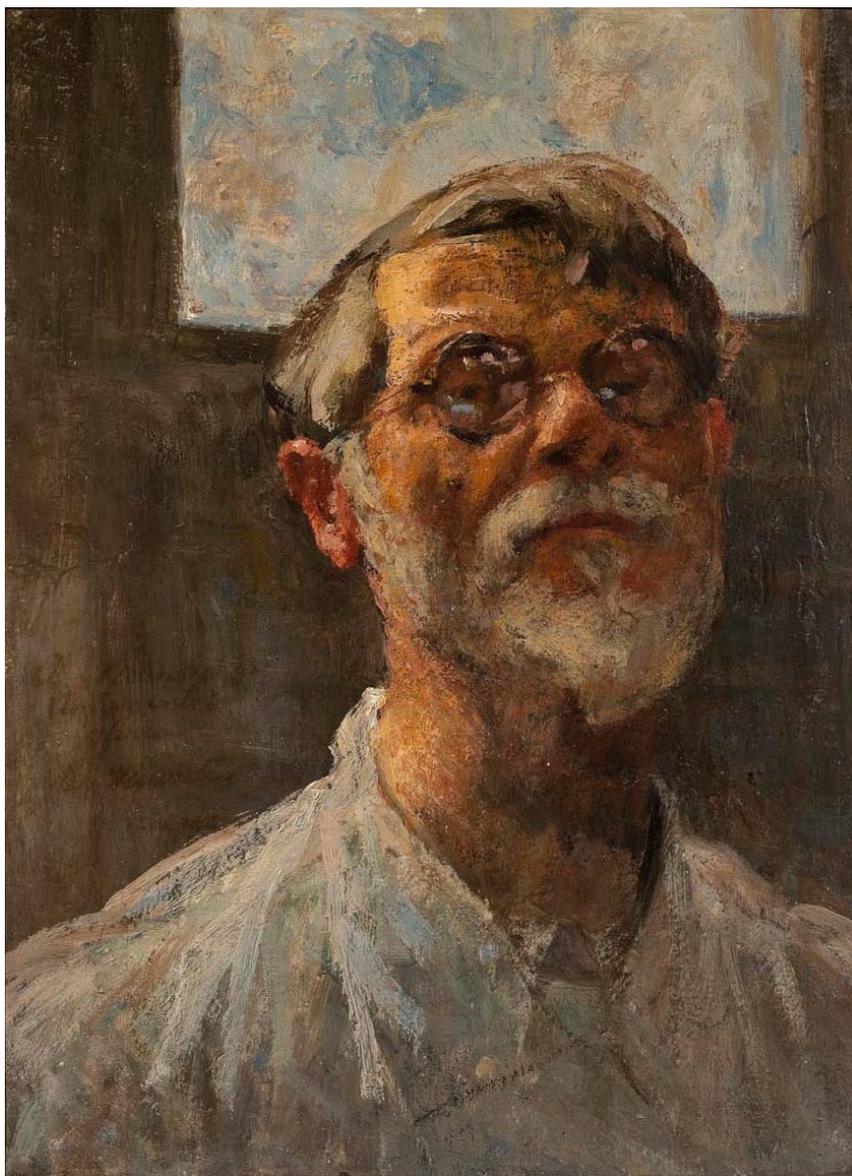
ELISEU VISCONTI: *Ilusões perdidas*, c. 1933.
Óleo sobre tela, 160 X 100 cm.
Fortaleza, Coleção particular.
Fonte: <https://eliseuvisconti.com.br/obra/p021/>



CB
HA

40º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE
EDIÇÃO 2020 - COMUNICAÇÕES VIRTUAIS

PESQUISAS
EM DIÁLOGO
DE 07 A 11 DEZEMBRO 2020



ELISEU VISCONTI: *Autorretrato 1942, 1942.*
Óleo sobre madeira, 46.0 X 33.2 cm.
Rio de Janeiro, Coleção particular.
Fonte: <https://eliseuvisconti.com.br/obra/p024/>